

AS SUPOSTAS MOEDAS DE SOLA DE D. JOÃO I

POR ARNALDO BRAZÃO

*À memória do consagrado numismata
Tenente-Coronel António Elias Garcia*

Está ainda muito arreigada na imaginação do nosso povo a ideia de ter existido moeda de sola. Assim afirmamos porque, em determinada ocasião, por gente nova, juventude escolar, fomos interpelados sobre a existência daquela moeda, quando uma vez, e na melhor das intenções, falámos dos diferentes materiais de que ela é feita.

Claro está, baseando-nos nos mestres Teixeira de Aragão e Batalha Reis, e, como não podia deixar de ser, opinámos pela não existência de tal instrumento de troca.

Esta interpelação acicatou-nos a ideia de aprofundar mais o assunto e levar ao conhecimento do público, e de novo lembrar aos que se dedicam a esta actividade de investigação histórica, o parecer de escritores ilustres e de mestres consagrados.

Vamos começar por Aragão, transcrevendo da sua notável obra (Vol. I pág. 214), a propósito da moeda de D. João I, o que ele pensa sobre tal problema de numismática que, como se constata, tem preocupado a imaginação popular.

Assim fala Aragão:

«Neste reinado a moeda foi de tão ínfima qualidade, em relação ao valor decretado, que posteriormente chegaram a dizer haver sido fabricada de *sola* durante o cerco de Lisboa em 1384, e esta lenda monetária ainda foi afirmada no século passado por dois escritores notáveis».

Como não acredita na sua existência logo seguidamente afirma:

«Fernão Lopes, que se pode considerar contemporâneo, descrevendo as moedas do mestre de Avis, não deixando de mencionar esta importante circunstância, se tivesse existido e muito mais que no seu tempo os exemplares deveriam ser em abundância. Viterbo escreveu um largo artigo demonstrando a inexactidão do facto, estribando-se principalmente na falta de documentos».

Modernamente, o dr. Pedro Batalha Reis na sua «Cartilha» (Vol I, pág. 330, nota final), escreveu o seguinte:

«Convém neste passo recordar a alusão que alguns escritores antigos do século XVIII (v. g. José Soares da Silva na *Memória para a História de D. João I* e D. Francisco de Meneses, Conde da Ericeira, na *Hist. Gen.* Vol. IV) fazem referência à existência de *moedas de sola* fabricadas durante o cerco de Lisboa em 1383. Todavia, ainda que não fosse impossível ter acontecido, a verdade é que além de se não conhecer exemplar algum, não existe também a mais pequena referência nos cronistas do tempo que tão miudamente relatam os sucessos dessa época. Por isso que até prova em contrário se deve ter de remissa como fantasia de Soares da Silva a afirmação de moedas de sola em Portugal».

Mas este nosso trabalho, que parece ter pretensões de investigação histórica, e bem fracas pretensões elas são na verdade, não fica por aqui. Vamos dar aos nossos leitores, se porventura há quem tenha interesse pelo assunto em causa, mais alguns pareceres sobre um problema que ainda é palpitante, como salientamos.

Vejamos agora o que diz Viterbo no seu «Elucidário» (Tomo II, supl. pág. 50, nota) a este propósito:

«Mas ainda assim dizemos, que nunca El-Rei D. João I, nem ainda quando El-Rei de Castela cercou Lisboa, fez ou permitiu que se fizesse *Dinheiro de sola*».

Várias foram as razões apresentadas por Viterbo para justificar tão categórica afirmativa que, resumidamente, são as seguintes:

- 1) — Falta de documentos comprovativos de tal cunhagem de *dinheiro de sola*;
- 2) — não terem o cronista da época, Fernão Lopes e outros, feito a mais leve referência a tal espécie de dinheiro, embora fizessem minuciosas referências à falta de moeda e às providências tomadas para que não faltasse;
- 3) — só passados três séculos é que dois autores se referiram àquela moeda de couro, aliás sem bases históricas (Soares da Silva e o Conde da Ericeira, D. Francisco de Meneses);
- 4) — a falta de qualquer exemplar nos museus, onde outras moedas existem, mesmo aquelas que foram proibidas de circular sobre graves penas para os seus detentores;
- 5) — serem pura fantasia certas afirmações de mentirosos e de enganadores;
- 6) — na sua lei de 1426, proibe D. João I, sob pena de prisão e açoutes, que alguém rejeite a sua moeda *Crunhada do seu crunho* a não ser que seja feita de ferro, arame, latão, ou de outro *desvairado metal, de que se não costuma fazer moeda nestes Reinos*;
- 7) — o silêncio, quanto a moeda de couro, naquela disposição legal, é grande razão para crer que nunca existiu.

Mas, desde que salientamos aqueles escritores que se manifestaram claramente contra tal fabrico de moeda e, embora nós tenhamos seguido seus doutos pareceres, não é justo, assim entendemos, deixar no olvido aqueles que pensam em contrário.

Se queremos encarar o problema à face da História, não podemos recusar-lhe lugar neste pleito. Os leitores que julguem afinal, e sigam as opiniões que melhor lhes parecerem, ou as que lhes mereçam maior crédito.

Nesta ordem de ideias damos a palavra a José Soares da Silva, respigando da sua *Memória para a História de D. João I*, (Tomo I, pág. 198) a seguinte passagem:

«...e tiveram tanto crédito suas leis, que há memória antiga, que afirma, que no sítio de Lisboa, consumida a moeda que havia, e faltando-lhe os metais de que fabricar outra, El-Rei a mandou fazer de sola, e ninguém duvidara aceitá-la, e enfim correrá, até que depois ele mesmo a fizera reduzir a moeda corrente de ouro, prata e cobre».

Na verdade Soares da Silva não fundamentou a sua opinião e, ao dizer *que há memória antiga*, disse bem pouco, ao que nos parece.

Mas, após este reparo, vejamos o que D. Francisco de Meneses, Conde da Ericeira, escreveu na sua *Memória do valor da moeda*, publicada no Tomo IV da *História Genealógica* de D. António Caetano de Sousa. A pág. 431 lê-se a seguinte passagem:

«...*havendo Autor verdadeiro*, que diz, que El-Rei D. João I no sítio de Lisboa fez, que corresse moeda de sola, e em outros Reinos vimos nos nossos tempos, que corriam os escritos de Bancos e acções de Companhias, a que pode chamar-se Moeda de papel...»

Como se vê, não foi o ilustre titular e escritor muito além de Soares da Silva. Não só não fundamentou a sua opinião, como se contentou com um vago *Diz-se*, esse terrível *Diz-se* que tantas vezes serve para manter uma insidiosa mentira como para manifestar preguiça momentânea.

Pensamos, ao enfileirarmos com Viterbo, Teixeira de Aragão e Pedro Batalha Reis, ter ficado à sombra de boas e umbrosas árvores.

